

## PERSISTÊNCIAS DA MEMÓRIA: O MUSEU DO ASSENTADO NO MUNICÍPIO DE ROSANA/SP<sup>1</sup>

GONÇALVES, Leonardo Giovane Moreira<sup>2</sup>; THOMAZ, Rosangela Custodio Cortez<sup>3</sup>;

<sup>1</sup> Trabalho vinculado a Iniciação Científica “Patrimônios e Lazer Turístico: o Museu do Assentado no Município de Rosana/SP” financiado pelo PIBIC/CNPQ.

<sup>2</sup> Graduando em Turismo pela Universidade Estadual Paulista-UNESP, Campus de Rosana; bolsista de Iniciação Científica/PIBIC/CNPQ; E-mail: leonardo.giovane@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora e professora assistente doutora do Curso de Turismo da UNESP – Campus Rosana/ SP e do Programa de Pós – Graduação em Geografia da FCT/UNESP, Pós - Doutora em Turismo pela Universidade de Santiago de Compostela - ES e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Turismo no Espaço Rural – GEPTER; E-mail: [rocortez@rosana.unesp.br](mailto:rocortez@rosana.unesp.br)

### RESUMO

Os devaneios do presente trazem consigo memórias que persistem às condições da atualidade, brincadeiras, cantigas, histórias e lembranças são evocadas e tornam-se presentes em alguns segundos e logo se atrapalham no binômio entre passado e presente. Destarte, o presente trabalho teve o intuito de abordar a infância, em especial as brincadeiras e os momentos de lazer de duas assentadas, a senhora Maria de Oliveira, assentada pertencente Nova do Pontal e, senhora Vera Oliveira, assentada no Porto Maria, ambos situados no Município de Rosana/SP. Para isso, utilizamos uma pesquisa bibliográfica exploratória, em livros e em trabalhos que versam sobre a temática e, também, entrevistas semiestruturadas com as assentadas. Por meio desta metodologia, tornou-se possível diagnosticar os fatos individuais que compõe a infância de ambas, bem como as similaridades. Salienta-se que este trabalho é uma abordagem inicial da Iniciação Científica “Patrimônios e Lazer Turístico: O Museu do Assentado em Rosana/SP”.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio; Museu do assentado; Assentamento de Reforma Agrária; Relatos Orais.

### INTRODUÇÃO

Situado no extremo Sudoeste do Estado de São Paulo, o Pontal do Paranapanema é delimitado pelos rios Paranapanema; fronteira com o Estado do Paraná; e Paraná; fronteira com o Estado do Mato Grosso do Sul. A atividade econômica predominante na região é a agropecuária, dado que a estrutura fundiária da mesma está baseada em latifúndios localizados em terras pertencentes ao Estado, que foram griladas em anos passados. (THOMAZ, 2014, p.5)

A ocupação do Pontal foi marcada por inúmeros fatores desumanos e ilegais, como o extermínio dos indígenas, grilagem de terras, desmatamento, comercialização e ocupação de terras. Um dos grandes grilos que aconteceram foi o da fazenda Pirapó-Santo Anastácio, que foi com o cunho empresarial que deu origem a inúmeras outras fazendas. (SOBREIRO, 2013, p. 52)

A marcha para o Oeste Paulista foi impulsionada pelo meio capitalista de produção. Dessa forma como existiam inúmeras terras a Oeste do estado, várias ações pioneiras se formalizaram para explorar a nova área e incorporar esses espaços ainda não utilizados para o plantio. (SOBREIRO, 2013, p. 54)

É visto que os conflitos pela posse de terra sempre foram marcantes no Pontal do Paranapanema e só tiveram uma diminuição com a construção das usinas hidrelétricas de Porto Primavera, no rio Paraná, e, em Rosana e Taquaruçu, no rio Paranapanema e a instalação da Destilaria de Álcool Acídia no município de Teodoro Sampaio. (PAIÃO, 2001, p.39)

Após o término das usinas hidrelétricas de Porto Primavera, Rosana e Taquaruçu, que geraram cerca de 30 mil empregos para região, muitos empregados foram demitidos. Diante disso muitos trabalhadores continuaram na região sem perspectiva de trabalho, fechamento dos estabelecimentos e crise econômica, eles se viram obrigados a voltar para o campo. Surge nesse período o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra- MST, que começa a exercer forte pressão sobre o governo e nos fazendeiros, pelo fato das terras da região serem devolutas e pertencem ao Estado, logo, elas deveriam sofrer o processo da reforma agrária. (PAIÃO, 2001, p.40)

Diante da instabilidade social, econômica e pelas ocupações e conflitos, sendo a região do Paranapanema a mais pobre do Estado de São Paulo, o governo em 1995 decide implantar o plano de ação governamental para o Pontal.

A regularização fundiária compreende em uma série de procedimentos jurídicos e administrativos, a iniciar pela Ação Discriminatória, que resulta na separação das terras particulares das terras devolutas. Dessa forma as terras devolutas seriam encaminhadas para o uso de assentamentos para as famílias de produtores rurais. (PAIÃO, 2001, p. 41)

Embasado nos fatos históricos condizentes ao uso e apropriação de terras no Pontal do Paranapanema, o presente resumo tem como intuito explanar sobre os primeiros resultados obtidos

pela Iniciação Científica “Patrimônios e Lazer Turístico: O Museu do Assentado no Município de Rosana/SP”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPQ, orientado pela Profª Drª Rosângela Custódio Cortez Thomaz.

Abordaremos inicialmente os relatos orais sobre a infância, em especial, sobre as brincadeiras e momentos de lazer de duas entrevistadas, as senhoras Maria de Lurdes Santos de Oliveira, assentada pertencente ao assentamento Nova do Pontal e, Vera Lúcia Ferreira Leão Oliveira, assentada no assentamento Porto Maria.

## METODOLOGIA

Com intuito de realizar uma abordagem inicial sobre a infância, em especial, sobre brincadeiras e dos momentos de lazer das assentadas dos assentamentos de reforma agrária Porto Maria e Nova Pontal, o presente trabalho fez uso de uma pesquisa bibliográfica exploratória, utilizando artigos, livros e trabalhos que discorrem sobre a temática, bem como entrevistas semiestruturadas com as assentadas Maria de Lurdes Santos de Oliveira e Vera Lúcia Ferreira Leão Oliveira.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU DISCUSSÕES

O turismo no espaço rural deve ser desenvolvido de forma harmoniosa e sustentada no respeito à diversidade cultural presente em cada região, dessa forma oferecendo ao visitante a vivência no meio rural desfrutando da sua história, gastronomia, hospedagem, modos de fazer, bem como seus modos culturais. (RURAL, 2014)

Embasados nos elementos elencados acima a Iniciação Científica “Patrimônios e Lazer Turístico: O Museu do Assentado no Município de Rosana/SP” tem como intuito de inventariar o patrimônio material e imaterial contidos nos traços culturais da origem e trajetória dos assentamentos de reforma agrária do município de Rosana/SP, sendo eles: Gleba XV de Novembro, Nova do Pontal, Bonanza e Porto Maria; objetivando assim a implantação de um museu do assentado.

Segundo Ferreira (et al, 2013, p. 68):

Vinculados a trajetórias familiares, esses objetos se transformam em elementos da narrativa biográfica de seus detentores e singularizam essas histórias, permitindo que através deles se reproduza uma linha de transmissão no interior do grupo. Dos lugares seguros ou dos lugares comuns da casa, esses objetos são tirados de seu *locus* de origem, perdem sua funcionalidade e passam a ter diferentes significados para os diferentes sujeitos e olhares que os cercam.

Deste modo, como abordagem inicial, foi realizada duas entrevistas semiestruturadas com as assentadas Maria de Lurdes Santos de Oliveira e Vera Lúcia Ferreira Leão Oliveira sobre a sua origem e trajetória de luta. Assim, retiramos destas entrevistas os fragmentos que retratam sobre a infância, bem como os momentos de lazer e de brincadeiras das assentadas.

A senhora Vera Lúcia Ferreira Leão Oliveira, mas conhecida como Verinha, é pertencente ao assentamento Porto Maria, atualmente tem 41 anos e é natural da cidade de Goioerê/PR. Durante a entrevista, perguntamos sobre as brincadeiras da infância, se elas existiam e qual ela mais se identificava. Segundo a entrevistada: “Tinha gostoso, balança cachão, balança você, tinha brincadeira do passa anel, é é, caia no poço quem tira meu bem, brincadeira gostosa, que hoje as crianças não brincam mais, só brincam no zap zap e nada mais”.

Já para entrevistada Maria de Lurdes Santos de Oliveira, que pertence ao assentamento Nova do Pontal, possui 53 anos e é natural do município de Diamante do Norte/PR, quando confrontada sobre os pratos típicos, danças e festejos da sua infância, mencionou que:

Não tinha assim comida típica, dança assim, padroeiro não tinha, só que o povo era animado. Não tinha celular, não tinha computador, não tinha televisão. Pensa em uma infância feliz, esses hoje, sabe o que é infância? Não sabe não. Esses de hoje, não sabe mais o eu é infância. Nós tivemos infância, porque na nossa época de pequeno, juntava as crianças e os adultos, pai, mãe, avó e tios, juntava assim de noite no terreirão, a lua clara, porque não tinha energia, então a gente sentava ali, eles iam conta história, conta piada, brinca de passar anel, bimborão da cruz, eu minha infância, tinha um campo de futebol em frente a casa que eu morava eu brincava, jogava bola, brincava de queima, brincava e muito, eita que tempo bom.

Perguntamos a ela, também, com quem ela brincava, segundo a entrevistada: “Em família, brincava todo mundo junto. As crianças, os idosos, brincavam de esconde-esconde, falado para você que aquele era um tempo bom”. Para a assentada Vera Oliveira, também realizamos a mesma pergunta e, segundo ela: “Com meus primos, vizinhos, filho do vizinho, nos brincava em família mesmo, jogava bets, era gostoso”.

Por meio dos relatos orais de ambas, mesmo sendo elas pertencentes a períodos e assentamentos distintos, é possível diagnosticar certa similaridade enquanto as brincadeiras do passado e as frustrações do presente, bem como, retratado por elas, o fato das novas gerações estarem inseridas no meio tecnológico e desapegadas dos hábitos e brincadeiras do passado. Isto pode ser entendido pelo relato mencionado pela entrevistada Maria Oliveira quando questionada sobre as suas frustrações, menciona que:

[...] A frustração que os jovens hoje não têm a infância que a gente teve né, hoje quanto mais eles tem, mais eles acham pouco e não sabe agradecer o que tem, né, essa é uma grande... Se é uma frustração essa é uma grande, eu falo para eles mesmo né, que tem de tudo, porque a gente teve assim muitas dificuldades não tinha direito nem o que come e hoje graças a Deus tem fartura, tem leite, tem carne, mandioca, bastante coisa que a gente produz.

Portanto, as brincadeiras, hábitos e traços culturais mencionadas pelas entrevistadas compreendem o universo folclórico. Segundo Horta (2004, p.5) “[...] percebe-se, sem medo de errar, que o folclore é existencial. Mesmo que inconscientemente, vive-se folclore o tempo inteiro, com as pessoas praticando, ao longo de sua existência, ações herdadas de sua cultura [...]”. Assim, conforme mencionado pelo autor, às manifestações precisam estar vivas para existir, pois se não estiverem vivas, as mesmas, deixam de existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos relatos orais das entrevistadas foi possível diagnosticar a persistência da memória em guardar momentos, que segundo as mesmas, foram prósperos e considerados os melhores ao longo de sua trajetória de vida e, que dado às condições atuais, bem como o advento da globalização e popularização da *internet*, deixam de ser resgatadas pelas futuras gerações.

É nessa vertente, de valorização, resgate e disseminação patrimonial, que a já então mencionada Iniciação Científica, surge para tentar oferecer aos assentados o resgate e a valorização de suas memórias, com o intuito de que seus traços culturais de luta e origem não caiam no esquecimento, ocasionando assim, a perda patrimonial de anos de lutas e histórias.

Neste emulo, surge a importância de um Museu no espaço rural, principalmente em um assentamento rural, pois além de ser um espaço museal que transmite e resgata a história deste povo, ele possui uma função patrimonial de desmistificação dos “conceitos” existentes na sociedade sobre a vida e luta dos assentados.

## REFERÊNCIAS

HORTA, C. F. de M. M. (coord.) **O grande livro do folclore**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2004.

FERREIRA, M. L. M. et al. Memória e emoções patrimonial: objetos e vozes num museu rural. **Revista Museologia e Patrimônio**. Pelotas/SC: v.6, n.1, p. 57- 74, 2013

PAIÃO, J. D. **Terras devolutas no Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente/SP, 2001.

RURAL, D. G. A. D. **Turismo no espaço rural**. DGADR. Disponível em <<http://www.dgadr.mamaot.pt/diversificacao/turismo-rural>> Acesso em: 23 de julho de 2014.

SOBREIRO, J. F. **O movimento em pedaços e os pedaços em movimento**: da ocupação do Pontal do Paranapanema à dissensão nos movimentos socioterritoriais camponeses. Presidente Prudente/SP: 2013.

THOMAZ, R. C. C. **Turismo, políticas e dinâmicas no meio rural: uma contribuição ao desenvolvimento local/Rosana/SP**. UNESP. Rosana/SP: Projeto de Pesquisa, 2014.